

## DISTOPIA – A PEDRA PRECIOSA DE RICARDO VILLA

As esculturas abaixo tem a forma de diamantes. São feitas de resíduos de demolições: cimento, areia, pedrisco. A combinação é fortíssima: a forma da pedra preciosa e lapidada e a matéria residual e bruta reunidas no mesmo tempo-espaço da coisa chamada obra.

Ricardo Villa é o artista, o autor da ideia. A obra se chama DISTOPIA. Para quem não sabe, DISTOPIA é o contrário de utopia. Utopia é uma palavra que soa inadequada em nossos dias, quando a esperança se mostra como um afeto enfraquecido diante da anestesia capitalista. Quem ainda consegue pensar em um mundo diferente na ditadura do consumismo, do trabalho explorado e da nova escravidão que ninguém quer ver?

Ricardo Villa responde com sua DISTOPIA, provocando-nos a pensar no que fazer. Com DISTOPIA, Ricardo nos faz pensar no outro lado das coisas. Em alternativas. Nas potências da nossa força como povo.

Para ele, as pedras preciosas da DISTOPIA são ferramentas. Podem ser usadas para alguma coisa, com algum sentido, em algum momento especial. Que momento pode ser esse?

Em época de eleição, uma pedra é sempre preciosa.

Sejamos criativos.

Marcia Tiburi

19.08.2012

Disponível em:

<http://filosofiacinza.com/2012/08/19/distopia-a-pedra-preciosa-de-ricardo-villa/>

## ~~A LINGUAGEM DO FOGO OU AS RELAÇÕES ENTRE CULTURA E NATUREZA~~

O paulista Ricardo Villa é artista versátil, que opera diversos meios de expressão. Começou com intervenções no espaço urbano através do grafitti. Após formar-se como bacharel em Arte e Cultura Fotográfica pelo SENAC, fez imagens de imóveis degradados, para traçar um paralelo entre ações construtivas e destrutivas no espaço metropolitano.

Nesta edição, enfocamos a mais nova vertente do artista: suas termogravuras. São obras produzidas mediante o uso criativo de uma técnica industrial: a matriz é digital, e o computador emula uma máquina a laser que literalmente queima o papel da gravura, produzindo imagens finamente detalhadas. Por causa do processo utilizado, as gravuras guardam as cores ocres da ação do calor sobre o papel.

O artista desenvolve duas séries de obras desse gênero: uma intitulada ST# e outra batizada como Objetos de Troca, aludindo ao eterno conflito entre o valor imaterial da arte e seu preço no mercado. Ambas as séries foram inspiradas pelos livros de literatura científica do final do século XIX e início do século XX. Tais obras, de estudos sobre a natureza, se popularizaram pelo caminho do texto apoiado por ilustrações realistas. O que interessa ao artista é, conforme ele afirma, a “intersecção entre a cultura e a natureza, expondo os paradoxos do nosso relacionamento com o mundo natural e o industrial, levantando questões sobre nosso lugar na ordem natural e traçando uma linha entre os processos da natureza e os da cultura”.

Ricardo Villa, no entanto, se recusa a ver a ação humana como antinatural e defende a “necessidade de pensar a cultura não como negação”, mas sim como “intensa aspiração de integração com a natureza”. No momento de criar suas matrizes, o artista repensa sua pesquisa— e pode inserir novos signos na imagem ou fazer o velamento de outros. Daí o título da obra aqui reproduzida, em latim: “a arte está em esconder a arte”. Nele se vê uma mão (signo vivo do fazer artístico) reunindo signos que expressam afeto, sacrifícios, viagens, entre outras leituras possíveis. Assim, os trabalhos configuram-se como “um exercício de edição e trucagem de signos, com vistas à formulação de novas possibilidades discursivas”.

Utilizando a linguagem do fogo, elemento que destrói mas também ilumina, Ricardo Villa mostra a linha de corte entre natureza e cultura. Não para demarcar uma fronteira rígida, mas para promover uma fusão instigantemente reconciliadora entre os dois territórios.

Mário Margutti

Revista DasArtes

Ano 4 N.23 Ago/Set 2012